

# Uma análise discursivo-funcional de orações prefaciadas por *comoquiera*

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i3.3155>

**Camila Rodrigues de Amorim<sup>1</sup>**

**Talita Storti Garcia<sup>2</sup>**

## Resumo

Este trabalho investiga as orações introduzidas por *comoquiera que* no espanhol, concebidas, na literatura, como *concessivas impróprias*. Parazuelos (1993), Flamenco García (1999) e Rodríguez Rosique (2001) afirmam que essas orações abarcam um conjunto amplo de situações possíveis, de modo que nenhuma delas invalida a conclusão alcançada na oração principal. A fim de desvendar a que propósito comunicativo as orações prefaciadas por *comoquiera que* são utilizadas no espanhol atual, adotamos, como aparato teórico, o modelo da Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld e Mackenzie (2008). O universo de investigação consiste em 167 ocorrências extraídas do CREA (*Corpus de Referencia del Español Actual*). O resultado dessa pesquisa sugere um novo olhar para o fenômeno em análise, uma vez que o concebemos de forma discreta, em termos de funções retóricas ou semânticas.

**Palavras-chave:** espanhol; concessivas impróprias; Gramática Discursivo-Funcional.

---

1 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; [rodrigues.amorim@unesp.br](mailto:rodrigues.amorim@unesp.br); <https://orcid.org/0000-0001-6121-7236>

2 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; [talita.garcia@unesp.br](mailto:talita.garcia@unesp.br); <https://orcid.org/0000-0001-8695-6086>

# Un análisis discursivo-funcional de oraciones introducidas por “comoquiera”

## Resumen

Este trabajo investiga las oraciones introducidas por “comoquiera que” del español, concebidas, en la literatura, como *concesivas impropias*. Afirman Parazuelos (1993), Flamenco García (1999) y Rodríguez Rosique (2001) que estas oraciones abarcan un amplio abanico de situaciones posibles, por lo que ninguna invalida la conclusión alcanzada en la oración principal. Para revelar con qué finalidad comunicativa se utilizan las oraciones encabezadas por “comoquiera que” en el español actual, adoptamos, como aparato teórico, el modelo de la Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld y Mackenzie (2008). El universo de investigación consta de 167 ocurrencias extraídas del CREA (Corpus de Referencia del Español Actual). El resultado de esta investigación sugiere una nueva mirada al fenómeno bajo análisis, ya que lo concebimos discretamente, en términos de funciones retóricas o semánticas.

**Palabras-clave:** español; concesivas impropias; Gramática Discursivo-Funcional.

## Introdução<sup>3</sup>

A *Nueva Gramática de la Lengua Española* (doravante NGLE) (2009) mostra que, no espanhol atual, *comoquiera que*<sup>4</sup> se gramaticalizou como uma locução conjuntiva causal, conforme (1). No entanto, em casos particulares, os quais constituem o objeto desse estudo, a locução adverbial *comoquiera que* encabeça orações que estabelecem um contraste com a oração principal, tal como se observa em (2):

1. *Comoquiera que han llegado todos*, podemos comenzar. (Diccionario de la Real Academia Española, en línea)  
Como todos chegaram, podemos começar.<sup>5</sup>

---

3 Os resultados deste artigo são advindos da dissertação de mestrado de Amorim (2019).

4 Nas ocorrências analisadas, *quiera* não funciona como verbo pleno (*querer*), pois não toma como escopo a segunda nem a terceira pessoa do singular (*quiera él/ella/usted*), mas, na verdade, funciona como um quantificador universal. Compreende-se que o verbo *querer*, no subjuntivo, se amalgama ao advérbio *como*, para juntos formarem um advérbio indefinido de modo. Por esse motivo, a NGLE (2009) determina que essa palavra deva ser grafada como *comoquiera* (ao invés de *como quiera*), apesar de, nos *corpora* de língua escrita, verificar-se certa variabilidade na forma que os autores adotam para grafar essa estrutura, pois ora aparece escrita como um composto (*comoquiera*), ora como uma estrutura predicativa (*como quiera*).

5 Todas as traduções ao português são de nossa autoria.

2. *Comoquiera que lo presentes, vas a tener problemas.* (Diccionario de la Real Academia Española, en línea)

Como quer que você o apresente, vai ter problemas.

Observa-se que, em (1), a locução conjuntiva *comoquiera que* veicula o sentido de *causa*. De acordo com os compêndios descritivos, esse é o funcionamento mais produtivo dessa locução no espanhol atual. Nesse caso, embora possa introduzir orações com verbos no subjuntivo, tende a ocorrer com verbos no indicativo, como exemplifica o predicado *han llegado*.

Em (2), por outro lado, a oração encabeçada por *comoquiera que* antecipa uma possível objeção do ouvinte e a coloca como irrelevante frente ao que se afirma na oração principal. Parazuelos (1993), García (1999) e Rodríguez Rosique (2001), ao classificar tais estruturas no rol das *concessivas impróprias*, defendem que a anteposição dessas orações é um reflexo dessa estratégia comunicativa. Nesse sentido, o falante previne-se de um possível contra argumento do ouvinte, por meio da oração subordinada: *comoquiera que lo presentes*, que poderia ser parafraseada por *no importa como apresente (o projeto), você vai ter problemas*. As orações subordinadas *concessivas impróprias* ou *concessivas de irrelevância* são assim denominadas porque seu significado abarca um conjunto amplo de situações possíveis, de modo que nenhuma delas invalida a conclusão que se alcança na oração principal.

García (1999) mostra que uma oração concessiva imprópria poderia ser esquematizada da seguinte forma:

3.  $\langle p_{(x)}, q \rangle = \langle \forall (x), \text{se } p_x, \text{então não } q_i \rangle$  e  $q_{\text{verdadeiro}}$  (Traduzido de García, 1999, p. 3848).

Em (3), de todos os valores que a variável  $x$  pode assumir nesse esquema, determinado pelo quantificador universal *comoquiera* ( $\forall$ ), esses não são suficientes para que se cumpra a condição  $\langle \text{se } x, \text{ não } q \rangle$ , sendo que  $q$  sempre é tido como verdadeiro. Vejamos como se aplicaria à ocorrência (2) essa explicação:

4.  $\langle \forall (x), \text{se o apresentar de forma}_{(x)}, \text{ não vai ter problemas} \rangle$  você vai ter problemas  $_{\text{verdadeiro}}$

Observa-se que, de acordo com o esquema (4), o falante antecipa na oração concessiva imprópria uma possível objeção do ouvinte à inferência de que “**se** apresentar o projeto de forma  $(x)$ , sendo  $(x)$  um conjunto indefinido de possibilidades (bem, mal, etc.), então, **não** haverá problemas”.

No entanto, como não há entre as orações uma conjunção que veicule a função concessiva, vale questionar se todas as orações encabeçadas por *comoquiera que* são utilizadas com

a finalidade de antecipar uma possível objeção do ouvinte ou se isso acontece apenas quando ocorrem antepostas à oração principal.

Assim, nesse estudo, nos propomos a investigar a que propósitos comunicativos as orações introduzidas por *comoquiera que* são utilizadas no espanhol atual, ou seja, pretendemos investigar as motivações funcionais dessas estruturas. Para tanto, tomamos como base o modelo da Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld e Mackenzie (2008), por ser um modelo funcional da linguagem que captura a estrutura de uma unidade linguística em termos das intenções comunicativas com que são produzidas, ou seja, em termos de funções interpessoais e representacionais.

O universo de investigação consiste em 167 ocorrências extraídas de textos da modalidade escrita do CREA (*Corpus de Referencia del Español Actual*), banco de dados que oferece textos de língua espanhola, tanto da América quanto da Espanha.

Este trabalho se organiza da seguinte maneira: na seção “A Gramática Discursivo-Funcional: considerações teóricas”, abordamos os conceitos da teoria que embasa esta investigação necessários para a compreensão da análise dos dados. Na seção “Análise dos dados”, apresentamos os resultados advindos desta pesquisa, tendo como fator norteador a camada de atuação das construções prefaciadas por *comoquiera que*. Por fim, apresentamos, nas “Considerações finais”, as principais contribuições deste estudo.

## **A Gramática Discursivo-Funcional: considerações teóricas**

A Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008), consiste em um modelo de análise linguística descendente, que concebe que a formulação do enunciado se dá, primeiramente, a partir da intenção do Falante,<sup>6</sup> e se desenvolve até a articulação.

Dessa maneira, a expressão linguística é formulada a partir da interação de quatro componentes: (i) o Componente Conceitual, em que se desenvolvem a intenção comunicativa do Falante e as conceituações referentes ao evento comunicativo; (ii) o Componente Contextual, que guarda as informações a respeito do contexto comunicativo situacional em que é produzida uma expressão linguística; (iii) e o Componente de Saída, que gera as expressões acústicas, escritas, ou de sinais. Por sua vez, esses três componentes interagem com o Componente Gramatical, através das operações de Formulação e de Codificação, e são os processos que acontecem nesse Componente que têm relevância para a nossa análise.

---

<sup>6</sup> Falante e Ouvinte serão grafados com letra maiúscula quando se tratar de termos da GDF e se referirem ao usuário da língua de maneira geral, seja em contextos da modalidade oral ou escrita da língua.

Cada um dos níveis de representação distinguidos dentro do Componente Gramatical se organiza hierarquicamente em diferentes camadas. Em (5), representamos a estrutura geral das camadas que compõem os níveis da GDF:

5.  $(\pi v_1; [\text{núcleo } (v_1)_\Phi]; [\sigma (v_1)_\Phi])$

Na formulação, a camada relevante para a descrição linguística é representada pela variável  $v_1$ . Essa camada é restringida por um núcleo ou por um modificador ( $\sigma$ ), ambos tomando a variável como seu argumento. Além disso, a camada pode ser especificada por um operador ( $\pi$ ) e pode também conter uma função ( $\Phi$ ). Conforme o modelo da GDF, enquanto núcleos e modificadores são sempre lexicais, operadores e funções são estratégias gramaticais por meio das quais se restringe um item linguístico.

O Nível Interpessoal se relaciona aos aspectos pragmáticos da interação comunicativa. O Movimento (M), definido como uma contribuição autônoma para a interação, é a camada mais alta desse nível. O núcleo do Movimento pode conter um único Ato Discursivo (A) ou pode conter dois ou mais Atos, entre os quais pode haver relação de *dependência* ou de *equipolência*. Quando dependente, haverá um Ato nuclear e um subsidiário. Assim, quando o Falante introduz dois Atos Discursivos, entre os quais há uma relação de *dependência* pragmática, o Ato subsidiário veicula uma *função retórica* com relação ao Ato nuclear.

No Nível Representacional, por outro lado, encontram-se todas as informações necessárias para descrever (ou designar) as entidades (ou conjuntos de entidades) que desempenham um papel na mensagem que o Falante deseja transmitir. A camada mais alta do Nível Representacional é a do Conteúdo Proposicional (p), que designa um construto mental que não pode ser localizado no espaço ou no tempo, mas tem lugar na mente dos participantes da interação verbal. Nesse nível, as relações ocorrem em termos de funções semânticas, e não mais retóricas.

O conceito de *funções retóricas* nos interessa neste trabalho, uma vez que se refere às formas em que os componentes do discurso são organizados pelo Falante, a fim de alcançar seu propósito comunicativo. Dentre as funções retóricas, Hengeveld e Mackenzie (2008) definem: Motivação, Orientação, Correção, Aposição e Concessão.

A Concessão (Conc), como função retórica, é utilizada quando o Falante, por meio do Ato subsidiário, exprime a admissão de uma possível objeção ao Ato Discursivo nuclear, conforme mostram Garcia (2010), Parra (2016) e Fante (2018). Vejamos o exemplo (6) sua representação em (6a):

6. *Los sindicatos exigen una negociación, **aunque** quizás no sea esta la palabra más apropiada* (RAE, 2009, p. 3605).

Os sindicatos exigem uma negociação, embora esta talvez não seja a palavra mais adequada.

6a. (M<sub>i</sub>: [(A<sub>i</sub>: –los sindicatos exigen una negociación– (A<sub>i</sub>)) (A<sub>j</sub>: –quizás no sea esta la palabra más apropiada– (A<sub>j</sub>)<sub>concc</sub>] (M<sub>i</sub>))

Em (6), após enunciar o primeiro Ato Discursivo, o Falante avalia o sentido da palavra *negociación* e, por isso, apresenta uma ressalva, um *afterthought* (cf. KEIZER, 2015), um Ato Discursivo que comenta algo sobre o Conteúdo Comunicado contido no Ato anterior.

Por outro lado, quando a concessão ocorre na camada dos Conteúdos Proposicionais, a dependência é semântica, o que, na maioria dos casos, resulta, conforme as autoras, em uma maior integração morfossintática do que nas orações de Atos Discursivos. Em (7), a relação entre os dois Conteúdos Proposicionais é formulada no Nível Representacional, e o valor de um deles, o concessivo, é o de uma objeção real ou possível ao Conteúdo Proposicional apresentado como principal:

7. **Aunque** es italiano, no le gusta la pasta (RAE, 2009, p. 3599).

Apesar de ser italiano, não gosta de macarrão.

7a. (p<sub>i</sub>: –no le gusta la pasta–: (p<sub>j</sub>: –es italiano–)<sub>concc</sub>)

Em (7), a união dos dois Conteúdos Proposicionais *es italiano* e *no le gusta la pasta* rompe com a crença de que todo italiano aprecia a comida típica de seu país. Trata-se, portanto, de uma relação baseada em crenças e pressuposições, resumidas aqui no pressuposto de que todo italiano gosta de massas.

Verifica-se, pois, que, de acordo com GDF, as distinções pragmáticas ou semânticas são responsáveis pela codificação das orações concessivas, no Nível Morfossintático, como Orações (<sup>sub</sup>Cl) que podem se antepor ou se pospor à oração principal (<sup>main</sup>Cl). Além disso, observa-se que a conjunção gramatical *aunque* não aparece na representação em nenhum dos níveis da Formulação, uma vez que atua como um marcador de *função* semântica ou retórica. Dessa forma, é apenas no Nível Morfossintático que esse juntor é inserido como uma Palavra Gramatical (Gw), como em (6b) e (7b):

6b. 6b. NM: (Le<sub>i</sub>: [(<sup>main</sup>Cl<sub>i</sub>: – los sindicatos exigen una negociación – (<sup>main</sup>Cl<sub>i</sub>)) (<sup>sub</sup>Cl<sub>j</sub>: [(Gw<sub>i</sub>: **aunque**<sub>conj</sub> (Gw<sub>i</sub>)) – quizás no sea esta la palabra más apropiada – (<sup>sub</sup>Cl<sub>j</sub>))] (Le<sub>i</sub>))

7b. NM: (Le<sub>i</sub>: (<sup>sub</sup>Cl<sub>i</sub>: [(Gw<sub>i</sub>: **aunque**<sub>conj</sub> (Gw<sub>i</sub>)) – es italiano – (<sup>sub</sup>Cl<sub>i</sub>))] [(<sup>main</sup>Cl<sub>j</sub>: – no le gusta la pasta – (<sup>main</sup>Cl<sub>j</sub>))] (Le<sub>i</sub>))

No Nível Morfossintático, então, as distinções interpessoais e representacionais se amalgamam numa representação estrutural e se codificam para que, no Nível Fonológico, isso seja convertido num construto fonológico por meio da codificação fonológica. A maior unidade de análise do Nível Morfossintático é a Expressão Linguística (Le), que pode conter uma ou mais Orações (Cl), mas também pode conter um ou mais Sintagmas (Xp) e Palavras (Xw).

Como se observa, para a perspectiva discursivo-funcional, a formulação das unidades linguísticas deve ser explicada em termos de funções semânticas e pragmáticas, o que se revela na sua codificação morfossintática. Por esse motivo, consideramos que a GDF oferece os subsídios teóricos necessários para que possamos identificar a que propósitos comunicativos as orações prefaciadas pela locução *comoquiera que* servem.

## Análise dos dados

Os dados mostram que, de acordo com a abordagem da GDF, as orações introduzidas por *comoquiera que* atuam em dois diferentes domínios, pragmático e semântico. Para fins didáticos, iniciaremos a análise pelo tipo semântico, ou seja, aquele que atua no Nível Representacional, para, em seguida, tratar das orações que atuam no domínio pragmático, isto é, no Nível Interpessoal.

### Orações com *comoquiera que* no Nível Representacional

Em 13% dos casos, observamos que a oração introduzida por *comoquiera que* antecipa uma possível objeção do Ouvinte, frente ao que o Falante afirma em seguida.

Vejamos:

**8. *Como quiera que lo presente*, el gobierno no podrá ocultar el hecho de que una reforma sustantiva apuntaría a terminar con la Corte Suprema de Hugo Rosende, el fallecido ministro de Justicia del régimen militar que diseñó los mecanismos de continuidad para que el tribunal máximo constituyera por mucho tiempo uno más de los bastiones de la "democracia protegida" (CREA, 1996, Política).**

Como quer que o presente, o governo não poderá ocultar que uma reforma substantiva teria como objetivo acabar com o Supremo Tribunal Federal de Hugo Rosende, o falecido Ministro da Justiça do regime militar que desenhou os mecanismos de continuidade para que o mais alto tribunal constituísse por muito tempo mais um dos bastiões da 'democracia protegida'.

Observamos que, em (8), o Falante apresenta, na oração subordinada, um obstáculo genérico que poderia interferir no que está contido na oração principal, o que caracteriza, na GDF, concessão representacional. Ele afirma que, não importa como o governo vá apresentar sua estratégia, não poderá ocultar o fato de que a reforma tem como objetivo acabar com o Supremo Tribunal Federal de Hugo Rosende.

O sentido concessivo se relaciona à antecipação, por parte do Falante, de uma possível objeção do Ouvinte do tipo *e se o governo apresentar o projeto de modo X? e se o apresentar de modo Y?*, para colocá-la como irrelevante, frente à informação que considera mais importante, apresentada na oração principal. Assim, em (8), o Falante deseja mostrar que, *de todas as formas*, o governo não poderá esconder do povo suas reais intenções.

Trata-se, assim, de uma relação entre crenças e pressuposições, algo que o Falante julga que poderia ser contra argumentado pelo Ouvinte, o que caracteriza, na GDF, uma relação entre dois Conteúdos Proposicionais (p), camada mais alta do Nível Representacional.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 144), Conteúdos Proposicionais podem ter sua natureza epistêmica avaliada por meio de termos que indiquem a atitude proposicional, tal como certeza, dúvida e descrença. No caso da ocorrência (8), a inserção de um advérbio como *efectivamente* (efetivamente), que indica certeza por parte do Falante, comprova o estatuto epistêmico das orações:

8b. *Como quiera que lo presente, efectivamente* el gobierno no podrá ocultar el hecho de que una reforma sustantiva apuntaría a terminar con la Corte Suprema de Hugo Rosende.

8c. **Efectivamente**, *como quiera que lo presente*, el gobierno no podrá ocultar el hecho de que una reforma sustantiva apuntaría a terminar con la Corte Suprema de Hugo Rosende.

Assumimos que a relação estabelecida entre os dois Conteúdos Proposicionais é a de função semântica Concessão (Conc), mesmo que não haja uma conjunção que veicule tal função. Sendo assim, a ocorrência pode ser representada pela GDF da seguinte forma:

8d. (p<sub>i</sub> – el gobierno no podrá ocultar el hecho de que una reforma sustantiva apuntaría a terminar con la Corte Suprema de Hugo Rosende –: (p<sub>j</sub>; **-como quiera que lo presente-**)<sub>Conc</sub>)

De acordo com o modo de representação proposto pela GDF, como (p<sub>j</sub>) expressa um conhecimento que contrasta com o Conteúdo Proposicional expresso em (p<sub>i</sub>), (p<sub>j</sub>) atua como modificador de (p<sub>i</sub>), recebendo a função semântica de Concessão (<sub>Conc</sub>). Tendo em vista que os dois Conteúdos Proposicionais estão em uma relação de subordinação, o Conteúdo Proposicional descrito em (p<sub>j</sub>) é localizado dentro do escopo do Conteúdo Proposicional (p<sub>i</sub>).

Quanto à codificação morfossintática dessas estruturas, consideramos que a anteposição da oração concessiva é uma propriedade que codifica a função desempenhada por essas orações, quando localizadas na camada do Conteúdo Proposicional: tais orações concessivas desempenham a função de modificadores, sendo responsáveis por restringirem o Conteúdo Proposicional expresso pelas orações principais. Garcia (2010) verifica que as orações concessivas atuantes na camada do Conteúdo Proposicional aparecem majoritariamente antepostas à oração que modificam. Em outro estudo, Garcia e Pezatti (2013, p. 483) afirmam que a anteposição da oração concessiva da camada do Conteúdo Proposicional é um reflexo da relação de *subordinação* semântico-sintática que essa oração desempenha com a oração principal.

Tendo constatado que as orações introduzidas por *comoquiera que* não se configuram apenas no nível semântico, a seguir, tratamos das orações que atuam no domínio pragmático.

## Orações com *comoquiera que* no Nível Interpessoal

Em 18% dos casos, a oração introduzida por *comoquiera que* se configura como uma “retificação” sobre um referente evocado anteriormente.

Vejamos a ocorrência (9):

9. *Ese Gacel, o como quiera que se llame, ha demostrado que puede vencernos. Si todos los suyos se le unieran, te garantizo que nos arrojarían del desierto* (CREA, 1981, Novela).

Esse Gacel, ou como quer que se chame, mostrou que pode nos vencer. Se todo o seu povo se juntar a ele, garanto que nos expulsarão do deserto.

Em (9), a oração *como quiera que se llame* funciona como uma ressalva sobre a nomeação de um referente do mundo extralinguístico cujo “nome correto” é desconhecido. O Falante faz referência a um homem, por meio do nome próprio Gacel, no entanto, como não está seguro sobre a identidade desse referente, faz o comentário, *como quiera que se llame*, para dizer que, para ele, *não importa especificar essa informação*.

À semelhança dessa análise, verificamos que a oração introduzida por *como quiera que* pode exercer uma função que se estabelece não mais do domínio semântico, mas sim no domínio pragmático, uma vez que o Falante enuncia sobre o próprio *ato de fala*, sobre o próprio *dizer*. Essa relação, na GDF, se define no Nível Interpessoal. Dessa forma, o Ato Discursivo subsidiário se insere dentro do Ato Discursivo nuclear, tal como se observa na representação em (9a):

9a. (M<sub>i</sub>: [(A<sub>i</sub>: - Ese Gacel - (A<sub>j</sub>: - **como quiera se llame** - (A<sub>j</sub>)<sub>Conc</sub>) - ha demostrado que puede vencernos - (A<sub>i</sub>)] (M<sub>i</sub>))

Nas representações referentes ao Nível Interpessoal, os Atos Discursivos são dispostos na ordem em que eles se realizam. Assim, o Ato nuclear é representado em (A<sub>i</sub>), enquanto o Ato subsidiário é representado em (A<sub>j</sub>), e os dois se localizam dentro de um único Movimento, representado por (M<sub>i</sub>). A função retórica de concessão (Conc) recai sobre o Ato subsidiário, que expressa uma ressalva sobre o Subato Referencial *Gacel* presente no Ato nuclear.

Verifica-se que, morfossintaticamente, a posição prototípica dessas orações é logo após o sintagma sobre o qual o Falante faz uma ressalva, como reflexo dessa intenção comunicativa.

Além dos casos em que se observa uma relação entre dois Atos Discursivos, encontramos, também, casos particulares em que a oração encabeçada por *comoquiera que* funciona como um tipo de reformulador discursivo.

Em 69% das ocorrências analisadas, o advérbio indefinido *comoquiera* vem seguido de uma oração restritiva com o verbo *ser* no subjuntivo (*que sea*). Verifica-se que *comoquiera que sea*<sup>7</sup> atua na organização textual, quando o Falante tem o objetivo de sinalizar que a narrativa mudará de direção.

A oração *comoquiera que sea* pode encabeçar um Ato Discursivo ou pode, também, encabeçar uma porção textual maior que um Ato Discursivo, o que, na GDF, é concebido como um Movimento, que contém a informação mais importante do ponto de vista do Falante. Vejamos a ocorrência em (10) e sua representação em (10a):

10. Por entonces ya sólo hablaba conmigo mismo, tratando de buscar la respuesta a tantas preguntas; no hallé ninguna o las hallé todas, pero **comoquiera que sea** sólo logré convertirme en ese célibe abogado de la sinrazón, un desgraciado incapaz de soportar los conflictos que sólo sabe perseguir sus causas sin encontrar sus remedios (CREA, 1980, Novela).

Naquela época, eu só falava comigo mesmo, tentando encontrar a resposta para tantas perguntas; não encontrei nenhuma, ou as encontrei todas, mas, como quer que seja/de qualquer modo, só consegui me tornar aquele advogado celibatário da irracionalidade, um infeliz incapaz de suportar conflitos que só sabem perseguir suas causas sem encontrar seus remédios.

10a. NI: (Mi: [(Ai: sólo logré convertirme en ese célibe abogado de la sinrazón (Ai)) (Aj: - un desgraciado incapaz de soportar los conflictos que sólo sabe perseguir sus causas sin encontrar sus remedios – (Aj))] (Mi: - comoquiera que sea ((Mi))

Nota-se que o Falante apresenta uma reflexão acerca de sua vida, da busca por respostas, que não puderam ser encontradas. Em seguida, ele introduz um segundo Movimento, por meio do qual chega à conclusão de que conseguiu apenas se tornar um infeliz que só sabe perseguir as causas dos problemas sem encontrar suas soluções.

Nesse caso, é a conjunção adversativa *pero* que corrobora para o sentido contrastivo que se estabelece entre os dois Movimentos (i) *Por entonces ya sólo hablaba conmigo mismo, tratando de buscar la respuesta a tantas preguntas; no hallé ninguna o las hallé todas* e (ii) *sólo logré convertirme en ese célibe abogado de la sinrazón, un desgraciado incapaz de soportar los conflictos que sólo sabe perseguir sus causas sin encontrar sus remedios*.

---

7 Nos casos analisados nesta seção, entendemos que a oração encabeçada por *comoquiera que* atua de maneira diferente do que acontece na ocorrência abaixo, que tratamos como uma relação prototípica entre Conteúdos Proposicionais:

(i) **Comoquiera que sea el inicio del año escolar 2020-2021** hay que ponerse pilas y trabajar en función de todos los escenarios. (Twitter, 2020, @EducacionGuao).  
Como quer que seja o início do ano letivo 2020-2021, é preciso recarregar as energias e trabalhar de acordo com todos os cenários.

Assim, como o Falante deseja interromper o fio discursivo, a fim de iniciar um novo Movimento, *comoquiera que sea* é inserido, com o objetivo de, “resumir” e “finalizar” suas ideias. É possível parafrasear essa oração por expressões indefinidas de modo do espanhol, como *de cualquier modo*, que também relaciona porções textuais, atuando na organização textual:

- 10b. Por entonces ya sólo hablaba conmigo mismo, tratando de buscar la respuesta a tantas preguntas; no hallé ninguna o las hallé todas, pero **de cualquier modo** sólo logré convertirme en ese célibe abogado de la sinrazón, un desgraciado incapaz de soportar los conflictos que sólo sabe perseguir sus causas sin encontrar sus remedios.

Verifica-se, na paráfrase em (10b), que a locução adverbial *de cualquier modo* tem o mesmo significado e serve à mesma estratégia comunicativa que a oração *comoquiera que sea*. Ambas as expressões parecem ser utilizadas pelo Falante com o objetivo de desconsiderar o que tinha sido dito, para introduzir a porção textual que contém a informação, que, do seu ponto de vista, é mais importante. Isso se comprova, inclusive, em casos em que não há o marcador discursivo *pero* para assinalar o contraste entre os Movimentos:

11. La antropóloga alemana Franzis Jordan quiere ver también en la epopeya, con abundantes argumentaciones, el pasaje de la civilización matriarcal a la patriarcal, y la mitología del prolongado período de luchas intersexuales que ello representó. **Como quiera que sea, lo que interesa señalar aquí es** la parábola francamente favorable a los hombres que describe Enkidu, personaje redentorista que asume sobre sí los pecados, las responsabilidades y, finalmente, la muerte, para restablecer el equilibrio roto por la soberbia y el abuso de poder de Gilgamesh (CREA, 1978, Astrología y ciencias ocultas).

O antropólogo alemão Franzis Jordan também quer ver na epopeia, com farta argumentação, a passagem da civilização matriarcal para a patriarcal e a mitologia do prolongado período de lutas intersexuais que ela representou. Como quer que seja/de qualquer modo, o que é interessante apontar aqui é a parábola francamente favorável ao homem que Enkidu descreve, personagem redentorista que assume os pecados, as responsabilidades e, por fim, a morte, para restabelecer o equilíbrio quebrado pelo orgulho e pelo abuso de poder de Gilgamesh.

Em (11), após introduzir *como quiera que sea*, o Falante introduz a porção textual que é *interesante de ser destacada* (*lo que interesa señalar aquí es* [...]). Observa-se, pois, que essa oração se configura, no Nível Interpessoal, como um modificador de Movimento, e é sempre alocada antes da porção textual que o Falante deseja destacar.

## Considerações finais

Tendo como fator norteador de análise as camadas de organização da GDF, constatamos que as orações introduzidas por *comoquiera que* podem servir a diferentes propósitos comunicativos, e, portanto, atuar em diferentes domínios. Nossos dados revelam a incidência dessas orações não apenas no nível semântico, mas, também, no nível pragmático, quando atuam como estratégia retórica, ou como reformuladores discursivos.

Em resumo, sob o escopo da GDF, mostramos que essas estruturas devem ser concebidas de forma discreta, em termos de *funções*, um conceito que é necessariamente relacional, a depender das intenções comunicativas do Falante.

Comprovou-se que as orações encabeçadas por *comoquiera que* podem ser usadas como diferentes estratégias comunicativas, dentre as quais, em alguns contextos, se assemelha a uma antecipação a possíveis objeções do Ouvinte. Nessas ocorrências, consideramos que se trata de uma relação entre Conteúdos Proposicionais, uma vez que, na oração principal, o Falante apresenta uma conclusão oposta ao que se poderia esperar, tendo em vista o que é expresso na oração subordinada.

Porém, além desses usos, constatamos que essas orações podem funcionar como uma ressalva, quando o Falante deseja corrigir ou limitar o Conteúdo Comunicado do Ato Discursivo nuclear.

Por último, verificou-se que *comoquiera que sea* pode funcionar como um reformulador discursivo semelhante às expressões *de cualquier forma e sea como sea*, do espanhol. Essa expressão apresenta um significado mais abstrato, porque atua na organização textual, quando o Falante tem o objetivo de sinalizar que a narrativa mudará de direção. Assim, essas estruturas são utilizadas quando o Falante precisa interromper o assunto que vinha desenvolvendo nos Movimentos anteriores, a fim de destacar a porção textual que, de acordo com seu ponto de vista, contém a informação mais importante.

No que diz respeito às orações que se estabelecem na camada do Conteúdo Proposicional (13%), os dados mostram que desempenham *função semântica Concessão*. Quanto às orações que atuam no domínio dos Atos Discursivos (18%), constatamos que desempenham *função retórica Concessão*. Verificamos, ainda, que, em casos específicos (69%), a oração *comoquiera que sea* se configura como um modificador de Movimento.

Por fim, esperamos que este estudo possa servir como contribuição no que se refere à descrição do espanhol e possa enriquecer a literatura sobre as orações concessivas impróprias. Esperamos, além disso, contribuir para a aplicabilidade do modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional, principalmente quando se percebe a necessidade de trabalhos que levem em conta a língua em uso.

## **Agradecimentos**

Esta pesquisa teve apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), a quem agradecemos.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, C. R. *Construções QU-quiera que sea no espanhol sob a perspectiva da gramática discursivo-funcional*. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2019.

BRUCART, J. M. La estructura del sintagma nominal: las oraciones de relativo. *In*: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1999.

BOSQUE, I. On the Syntax of Spanish Unconditionals. *In*: GONZÁLEZ-RIVERA, M.; SESSAREGO, S. (ed.). *Interface-Driven Phenomena in Spanish: Essays in Honor of Javier Gutiérrez-Rexach*. Malden: Routledge, 2020. p. 6-29.

FANTE, B. R. *As orações prefaciadas por “incluso si” no espanhol escrito peninsular à luz da Gramática Discursivo-Funcional*. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2018.

GARCIA, T. S. *As relações concessivas no português falado sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional*. 2010. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.

GARCIA, T. S. G.; PEZATTI, E. G. Orações concessivas independentes à luz da Gramática Discursivo-Funcional. *Alfa*, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 475-494, 2013.

GARCÍA, L. F. Las construcciones concesivas y adversativas. *In*: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1999.

HASPELMATH, M.; KÖNIG, E. Concessive conditionals in the languages of Europe. *In*: AUWERA, J. *Adverbial construction in the languages of Europe*. New York: Mouton de Gruyter, 1998.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: University Press, 2008.

KEIZER, E. *A Functional Discourse Grammar for English* (textbook). Oxford: Oxford University Press, 2015.

KÖNIG, E. On the history of concessive connectives in English, diachronic and synchronic evidence. *Lingua*, Amsterdam, 1985a.

KÖNIG, E. Where do concessives come from? On the development of concessive connectives. In: FISIAK, J. (ed.). *Historical semantics. Historical Word-formation*. Berlin, Nova York, Amsterdam: Mouton, 1985b.

KÖNIG, E. Conditionals, concessive conditionals and concessives: areas of contrast, overlap and neutralization. In: TRAUGOTT, E. et al. (ed.). *On conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PARAZUELOS, M. H. C. *La expresión de la concesividad en español*. 1993. Tese (Doutorado em Filologia Românica) – Faculdade de Filologia, Universidade Complutense de Madri, Madri, 1993a.

PARAZUELOS, M. H. C. "Inhibición" o "indiferencia": Rasgo común a expresiones de sentido concesivo. *Revista de Filología Románica* 10, Madrid: Editorial Complutense, p. 107-151, 1993b.

PARRA, B. G. G. *Uma investigação discursivo-funcional das orações concessivas introduzidas por aunque em dados do espanhol peninsular*. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2016.

RODRÍGUEZ ROSIQUE; S. Las construcciones condicionales concesivas en español. *Revista Moenia*, p. 261-270, 2001.

PEZATTI, E. *A ordem das palavras no português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Banco de datos (CREA) [en línea]. *Corpus de referencia del español actual*. Disponível em: <http://www.rae.es>. Acesso em: 02 jul. 2021.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Nueva Gramática de la Lengua Española* (NGLE). Madrid: Espasa-Calpe, 2010.